

# “Demagogos”. Maílson fala de Lula, Quércia...

“Demagogos.” Assim o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, rotulou o governador Orestes Quércia, o deputado Ulysses Guimarães e o candidato do PT à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, por transmitirem à opinião pública a idéia de que a dívida externa brasileira pode ser resgatada com um grande deságio de 65% do seu valor. “Este desconto não é generalizado e é apenas de um número muito pequeno de títulos de bancos que estão provisionados e dispostos a se desfazer dos papéis com grandes prejuízos”, disse Maílson, que participou da abertura do 5º Congresso Brasileiro de Pequena e Média Empresa, ontem, no Rio.

Pelas estimativas do ministro da Fazenda, apenas 1% da dívida do Terceiro Mundo pode ser negociada no mercado secundário com deságio. Da dívida brasileira, completou, somente de 1% a 3% podem ser negociados com desconto.

Os argumentos “dos pretensos candidatos à Presidência da República” têm, segundo Maílson, objetivos nitidamente “populistas”. Para ele, “são frases de efeito desituídas de qualquer fundo de verdade técnica. É uma exploração inteligente e cuidadosa de um fato que cai bem no gosto da população. Se isso fosse verdade, o Brasil reduziria sua dívida rapidamente por um ato muito simples”. Portanto, argumentou Maílson da Nóbrega, a exploração política sobre o deságio da dívida “é uma forma maledicente dos políticos atingirem seus objetivos”.

## Mercado secundário

Segundo Maílson, o governo brasileiro vem acompanhando com “otimismo e expectativa” a tendência da administração Bush de adotar uma nova abordagem para a dívida (veja matéria nesta página). Se o governo norte-americano realmente optar por um plano de redução do estoque da dívida, “será um passo muito importante dos Estados Unidos, que têm papel saliente neste assunto. Qualquer movimento que tenda a melhorar esta situação e reduzir a dívida externa será bem-vindo”, ele afirmou.

A grande expectativa de que o secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, venha a anunciar as linhas gerais desse plano, hoje, levou o mercado secundário de títulos das dívidas a entrar “em ebulição”, ontem. Segundo a corretora **Latin American Financial**, um dólar da dívida brasileira, que era negociado a 24 centavos, na quarta-feira, subiu para 26, ontem. No caso do México, passou de 33 para 37 centavos. E no da Venezuela, de 27 para 30 centavos.

“Tudo subiu de repente”, disse um corretor ao correspondente **Moisés Rabinovici**. Ele explicou que “os próprios bancos estão recomprando o que venderam, há uma semana, dez ou 15 dias, quando especulavam na queda, para aumentar, agora, suas margens de lucro”.

Os papéis mais procurados foram os mexicanos. “O volume de negócios chegou a US\$ 50 milhões”, informou o mesmo corretor. O segundo lugar ficou com a Venezuela, com negócios num valor de US\$ 25 milhões.

A expectativa entre as corretoras que trabalham no mercado secundário é a de que Nicholas Brady anuncie hoje o princípio de uma recompra maciça de dívida, a níveis fixos. O diretor da **Latin American Financial**, Roberto Zamora, que opera nos mercados de Miami, Nova York e Europa, espera que “o governo crie os recursos para que os países devedores possam recomprar suas próprias dívidas, com desconto, no mercado secundário”.

## Estratégia

O ministro Maílson da Nóbrega afirmou que o Brasil vem fazendo parte do grupo de países endividados da América Latina que discute com o Grupo dos 7 (países ricos) “a necessidade de se encontrar uma solução para reduzir o estoque da dívida e a consequente diminuição de seu encargo”. O País, explicou, não pretende abrir mão da estratégia traçada para a dívida.

Essa estratégia se resume em quatro pontos, segundo Maílson: a negociação de longo prazo, para um acordo que reduza os encargos dos juros e alongue o perfil da dívida; acordos com o FMI e o Clube de Paris e, por fim, a busca de alternativas para reduzir o estoque da dívida.



Maílson: critica ao “populismo”.



Sérgio Amaral: acordo com credores deve ser revisado.